



Proletários de todos os países: UNI-VOSI

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

"O PROGRAMA DO PARTIDO na actual etapa da revolução"

Na sua última reunião, Agosto de 63, o C.C. do Partido Comunista Português trouxe mais uma vez a público os 7 pontos de orientação política que, como se dizia então, constituem «o Programa do Partido Comunista Português na actual etapa da Revolução».

São eles:

- 1.º Destruir o Estado fascista e instaurar as liberdades democráticas;
- 2.º Eliminar o poder dos monopólios, nacionalizando os sectores fundamentais da economia portuguesa;
- 3.º Realizar uma Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha;
- 4.º Libertar a nossa Pátria do domínio imperialista estrangeiro;
- 5.º Reconhecer aos povos das colónias portuguesas o direito à independência;
- 6.º Realizar uma política social que garanta uma rápida elevação do nível de vida das classes trabalhadoras;
- 7.º Seguir uma política externa de paz e cooperação com todos os Estados na base da igualdade de direitos;

Cada um destes pontos, tem só por si grande importância e em certa medida não pode ser desligado do conjunto dos 7, mas seria errado pensar que em relação a qualquer deles, só se pode lutar após a derrota do fascismo. Se é verdade, por exemplo, que a luta pelos objectivos postos nos pontos 2.º e 4.º dependem em grande medida da concretização do 1.º ou seja da derrota do fascismo, não se pode dizer, que não haja para já, sectores da burguesia nacional e das massas populares interessados na luta contra os monopólios nacionais e estrangeiros e contra o domínio imperialista, que esmaga e suga a nossa economia.

A luta pelos objectivos expressos no 3.º ponto, ou seja, por uma Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha, constitui desde há muito uma das principais reivindicações do Partido no campo, que necessita ser urgentemente agitada e intensificada a luta pelos seus objectivos, pois dela depende muito a mobilização dos pequenos e médios camponeses e a consolidação da unidade destes com a classe operária.

A luta pelos objectivos expressos no 5.º ponto constituem já hoje uma das principais frentes de luta contra o salazarismo, ou seja a luta contra as guerras coloniais, está aliás uma das frentes em que a quase totalidade dos democratas portugueses tem pontos de vista em certa medida semelhantes.

O 6.º ponto, é de todos o mais importante no que se refere à preparação das condições para a concretização do primeiro e dos 7 no

seu conjunto. Na verdade «realizar uma política social que garanta uma rápida elevação do nível de vida das classes trabalhadoras», é uma condição sem a qual não poderá haver democracia no país, mas uma tal política não pode ser e não o tem sido, apenas objectivo para depois de conquistada a democracia, pelo contrário, o Partido Comunista sempre tem defendido e defende, que para conquistar a democracia, é necessário, é absolutamente indispensável intensificar sempre mais e mais a luta pela elevação do nível de vida.

Não é portanto por mero acaso que se diz que o conjunto dos 7 pontos constitui o Programa do Partido na etapa actual da revolução, é que muito embora eles contenham algumas reivindicações essenciais para depois de derrotado o fascismo, eles contêm igualmente uma base de acção imediata na luta contra o salazarismo.

Tratando-se por outro, de 7 pontos básicos do Programa do Partido, é muito importante que eles sejam levados ao conhecimento dos demo-

(continua na 2.ª pág.)

110 VIDAS EM PERIGO! Apelo dos presos de Peniche

«Os presos políticos de Peniche apelam com veemência para todos os seus familiares e amigos, para todos os homens e mulheres de coração do nosso povo, para a opinião pública anti-fascista do mundo inteiro, afim de que os apoiem na sua luta por um regime prisional menos desumano, protestem por todas as formas contra a violência, arbitrariedade e repressão dos carcereiros salazaristas, contra as agressões e os castigos, pela normalização da situação por que sejam atendidos os justos pedidos dos presos»

Relatamos a seguir a situação que motivou este apelo:

Os 110 presos políticos que se encontram no Forte de Peniche, após longos meses de insistentes esforços para a solução dos graves problemas da sua vida prisional, acabam de realizar um poderoso protesto contra o regime desumano e contra a vaga de violentos castigos que desde Agosto, os carcereiros vinham lançando sobre os presos.

Afim de não ser obrigado a ouvir os presos, o director, em começos de Dezembro, proibiu que lhes escrevessem a expôr, mais uma vez, as suas reivindicações. No dia 8, os presos que tiveram visita disseram às famílias o que se estava a passar e apelaram para que lhes dessem ajuda. Imediatamente, foram expulsos do parlatório e castigados com 60 dias sem visitas. Como protesto nesse mesmo dia 8, ao jantar todos os presos recusaram comer o rancho. Em represália, foi-lhes cortado o

recreio, o convívio, deixaram de ir ao refeitório, ficando absolutamente isolados uns dos outros, fechados nas celas ou salas, situação esta que ainda se mantém.

No dia 10, todos os presos recusam o almoço, em protesto contra o castigo do dia 8. A direcção da cadeia entende então não dar o jantar aos presos. Mas este novo castigo encontrou a firme unidade dos presos que gritaram à janela em conjunto e durante 15 minutos: «Queremos comida!», ouvindo-se na vila os seus gritos. A meia noite de novo os mesmos gritos, durante 5 minutos. Então o sargento da GNR acompanhado de numeroso grupo de praças percorre uma a uma as celas e salas a ameaçar os presos. Mas à uma hora da madrugada, novamente todos os presos gritaram durante 5 minutos: «Queremos comida!» As salas e celas são, de novo, invadidas pelo tenente e o sargento da GNR armados de metralhadora e muitas praças, de baioneta calada, além de guardas prisionais que ameaçam ferozmente os presos. Porém, às 5 horas da manhã, todos os presos fazem ouvir, mais uma vez, os seus gritos de «Queremos comida!». A GNR invade logo a seguir várias celas e espanca alguns presos, entre os quais, Joaquim Diogo Velez, isolado numa cela. Os seus companheiros protestam à janela e durante 10 minutos ouvem-se os gritos dos presos: «Fascistas! Fascistas!» Isto obrigou a direcção da cadeia a recuar e às 8 horas da manhã deram comida aos presos. Os presos saíram vitoriosos desta luta que reclamara tanta unidade e coragem.

(continua na 2.ª pág.)

LUTEMOS CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA! Desmascaremos as falsidades dos ministros salazaristas!

Os ministros salazaristas, como os papagaios da Assembleia Nacional, não se cansam de apregoar, em empolados discursos e extensos relatórios e entrevistas, que apesar da guerra colonial, a vida do povo português não pára de melhorar ou pelo menos se mantém sem alterações dignas de nota, graças, segundo dizem, aos milagres da administração salazarista.

Referindo-se à evolução dos preços dos géneros, dizia o Ministro das Finanças no seu último relatório sobre a Lei de Meios. «A evolução mensal dos respectivos índices parece até mostrar certa tendência no sentido do abaixamento

dos preços com excepção de Évora e Lisboa onde se apresentam praticamente estáveis».

O deslante dos ministros chegou ao ponto de se anunciarem nos jornais, 5-12-63, que: «Numerosos retalhistas de Mercearia de Lisboa apoiados pelo senhor Ministro da Economia tinham resolvido, «baixar os preços dos géneros de primeira necessidade entre 5 e 20%, a partir da quadra do Natal e durante 6 meses».

Ao ler-se isto podia pensar-se que se estava perante alguma medida governamental para baixar o custo de vida, quando na verdade se tratava duma manobra de propaganda

dum monopólio internacional de mercearias, para atrair a clientela aos 600 estabelecimentos que possuem espalhados por todo o país. E como se trata dos interesses dum monopólio, o senhor Ministro não podia faltar com o seu apoio. De salientar, que poucos dias antes a 29-11-63, foi anunciado nos mesmos jornais e sem qualquer explicação que durante os mesmos 6 meses, o leite subiria um tostão em litro. Subiu de facto, não apenas um tostão em litro, mas um tostão por garrafa, o que quer dizer, que o aumento vai de 1 a 4 tostões consoante a capacidade da garrafa que se compra!

Perante as contradições entre a realidade e aquilo que dizem os ministros salazaristas, pergunta-se:

ONDE ESTÁ A VERDADE?

O povo português, e muito em especial as massas trabalhadoras e as donas de casa, ficam pasmados perante tão descaradas afirmações, pois por mais números estatísticos que lhe apresentem, por mais discursos que escutem a pretender convencê-los que a vida não sofre alterações, dão-se conta cada dia que passa, que a realidade é bem outra, e que os seus magros salários e orçamentos caseiros, cada vez se encontram mais minguados perante

(continua na 2.ª pág.)

LIBERDADE

PARA MANUEL RODRIGUES DA SILVA

Apelos à ONU para que intervenha pela libertação de Manuel Rodrigues da Silva e outros presos políticos

Um numeroso grupo de destacadas personalidades europeias, dirigiu-se à ONU para que este organismo investigue a violação dos direitos da pessoa humana pelo governo de Salazar, ao instituir a pena de morte para os militares que se opõem à guerra colonial, assim como manter nas cadeias os presos políticos depois de terem terminado as suas penas, salientando-se o caso de Manuel Rodrigues da Silva que conta mais de 23 anos passados nas masmorras salazaristas.

A Federação Sindical Mundial, em nome de mais de uma centena de milhões dos seus aderentes, dirigiu-se igualmente à ONU para que esta intervenha em defesa dos presos políticos portugueses, em especial Manuel Rodrigues da Silva cuja vida está ameaçada.

Também numerosas delegações que assistiram à reunião da F.S.M., em Leipzig, enviaram protestos ao governo contra a prisão perpétua a que estão sujeitos os presos políticos portugueses, em especial Manuel Rodrigues da Silva. De entre estas delegações salientamos a da União Soviética, China, Índia, Checoslováquia, Chile, e outras.

Aumenta o custo de vida!

(continuação da 1.ª pág.)

as coisas essenciais à vida que todos os dias é necessário comprar. Tanto

mais que em prazo relativamente curto, os preços de alguns géneros de primeira necessidade evoluíram mais ou menos da seguinte maneira:

Bacalhau, a	etiquetas	era:	8\$00	a	15\$00	é	agora	de	12\$00	a	20\$00
Cachucho;	«	«	3\$60	«	«	«	«	«	6\$60	«	«
Pescada; pequena	«	«	8\$00	«	«	«	«	«	12\$00	«	«
Chicharro	«	«	3\$00	«	«	«	«	«	6\$00	«	«
Toucinho passou de-			10\$00	12\$00	para				22\$80		
Chispe	«	«	10\$00	12\$00	para				22\$00		
Entrecosto	«	«	12\$00	14\$00	«				22\$00		
Chourico	«	«	30\$00	32\$00	«				38\$00		
« de sangue	«	«	9\$00	10\$00	«				18\$00		
Dobrada	«	«	14\$00	15\$00	até				22\$00		
Figado passou de			18\$00	20\$00	para				28\$00	30\$00	
Bife	«	«	28\$00	«	«				32\$00	34\$00	
« de porco	«	«	28\$00	30\$00	«				38\$00		
Costeletas de porco	«	«	24\$00	«	«				34\$00		
Ovos dúzia eram médi			10\$00	«	«				15\$00		
Folhão seco era de			4\$00	5\$00	«				6\$00	7\$00	
Óleo	«	«	14\$00	«	«				15\$60		
Café avulso popular			12\$00	20\$00.	«				20\$00	40\$00, etc.	

Os preços que acabamos de mencionar desmentem inteiramente as afirmações dos senhores ministros. Mas sendo assim pode perguntar-se: Como é que os malabaristas do governo conseguem apresentar números estatísticos que parecem indicar estabilidade no custo de vida? Simplesmente, utilizando tabelas de:

GÉNEROS QUE NINGUÉM VÊ!

Tomemos alguns exemplos:

PEIXE: Para este produto, que como se sabe constitui uma das bases fundamentais da alimentação do povo português existe uma tabela de preços, que embora elevado no que se refere a algumas espécies ainda permite um certo equilíbrio nos orçamentos mais débeis; ora o que acontece presentemente, é que, para além de algumas tabelas terem sido já elevadas, raramente aparece nas peixarias qualquer das espécies aos preços primitivamente tabelados. Assim, com a justificação que o peixe que há é pescado na costa, quem quiser comprar, pague, em média:

Pescada; entre	15\$00	a	40\$00
Goraz;	11\$00	a	20\$00
Corvina;	15\$00	a	20\$00
Pargo;	8, 9\$00	a	18\$00
Safo;	12\$00	a	18\$00

É evidente que estes preços, alguns dos quais têm o dobro e mesmo o triplo dos preços tabelados pelo Grémio, não contam para as estatísticas e entretanto, muitos dias em cada semana ou cada mês, quem quiser peixe é deste que tem de comprar.

Azeite: Aparentemente, este produto não sofre grandes alterações no preço há alguns anos. Mas acontece, que dificilmente se encontra ao preço tabelado, 15\$70, azeite que se possa comer cru; resultado, as pessoas são obrigadas a recorrer ao engarrafado que custa, 22, 23\$00 o litro. É também evidente que o que conta para as estatísticas, é o primeiro e não este.

Arroz: Nas tabelas encontram-se ainda qualidades marcadas a 4e5\$ mas nas mercearias só o empacotado a 8 e 9\$00 e é este que o povo compra, porque normalmente não tem outro ou o que aparece avulso é de tão má qualidade que se não pode comer.

Pão: Está já aprovada mais uma alteração na «qualidade», que como é hábito apenas serve para tapar mais um aumento.

Depois disto valerá a pena fazer comentários ao abaixamento ou estabilidade do custo de vida? Haverá ainda quem possa acreditar nos refinados adrobões que são os ministros salazaristas?

POVO TRABALHADOR! DONAS DE CASA!

Gente honrada de Portugal!

A experiência e os sofrimentos sem conta colhidos nestes 37 anos de fascismo dizem-nos que dos actuais governantes nada de bom há a esperar; cada dia que passa mais pesado se torna o fardo da miséria

e do atraso em que o país se encontra. A longa permanência de Salazar e a sua camarilha à frente da Nação colocaram-na, no que se refere ao nível de vida e desenvolvimento geral, atrás de todos os países da Europa. Esta situação degradante continuará a agravar-se porque os governantes queimam numa guerra injusta, os recursos que deviam ser aplicados em obras de fomento industrial e agrícola, e para sustentar essa guerra subordinam, sempre mais e mais a economia nacional aos monopólios nacionais e estrangeiros. Assim, cada vez se torna mais claro que as perspectivas de melhoria do nível de vida, não está nas promessas mentirosas dos governantes, mas na luta organizada para os expulsar do poder. Nesta luta cabem todas as acções dos trabalhadores por aumento de salários, das donas de casa contra o aumento dos géneros, dos patriotas, em geral, contra a camarilha governante. O inimigo é ainda forte, só batido em todas as frentes será derrotado.

Para a frente povo português, na luta contra o aumento do custo de vida e pela vitória da democracia.

APELO DE PENICHE

(continuação da 1.ª pág.)

Mas, perante a recusa do director em atender os humanos pedidos dos presos, estes, no dia 12 recusam, de novo, o jantar, atitude que são ainda forçados a tomar no dia 14, recusando igualmente o almoço e o jantar. Continuando o seu protesto, eles recusaram-se também, entre os dias 9 a 15, receberem as visitas e a escrever às famílias.

Dia 16, todos os presos escreveram ao director propondo pôr fim aos protestos, desde que fossem atendidos os seus justos pedidos; a resposta foi manter os presos no mais absoluto isolamento que continuava ainda depois do Natal!

A situação que era já extremamente difícil, tem-se agravado a ponto de se tornar seriamente grave. Os castigos e as brutalidades têm-se multiplicado, o que põe em risco a vida dos presos. No dia 9 de Dezembro, José Carlos, foi metido no segredo que, como se sabe, é um cubículo batido pelo mar e por isso sempre encharcado. Apesar das baixas temperaturas que têm estado, e dos presos serem ali mantidos sem roupas de agasalho, este camarada ainda recentemente lá se encontrava, o que faz recear pela sua saúde.

Portugueses e portuguesas, homens e mulheres de coração! 110 vidas estão em perigo na Fortaleza de Peniche! Os governantes da Nação, homens curtidos pelo ódio, não perdoam aos seus adversários políticos e em especial aqueles que apesar das violências e torturas, não abdicam dos seus ideais e da sua dignidade de homens. Correr em auxílio dos presos de Peniche é mais que um gesto humano, é um dever patriótico. Povo trabalhador! Juventude! A vós cabe um papel especial na defesa das vidas ameaçadas; escrevei por todo o lado: «Salvem os presos de Peniche! Liberdade para os presos políticos! Amnistia!»

SAUDAÇÃO E APELO ao povo português

Ao aparecer o seu primeiro número, neste ano de 1964, o «Avante!» voz indomável da resistência ao fascismo, que milhares e milhares de esbirros policiais, não conseguem fazer calar, saúda calorosamente o povo português e em primeiro lugar a massa trabalhadora, todos aqueles, mulheres ou homens, jovens ou adultos, que ao longo destes tormentosos anos de repressão fascista não depuseram as armas.

É com nil e uma dificuldades, à custa de mil e um sacrifícios que o «Avante!» há mais de duas dezenas de anos se mantém em publicação regular. Mas estas dificuldades e sacrifícios são largamente compensados, pelo carinho, pela solidariedade, pela acção, que a classe operária, os trabalhadores em geral, assim como os jovens e intelectuais, os patriotas portugueses lhe têm dispensado.

O «Avante!» orgulha-se da importantíssima contribuição que tem dado através destes anos para as vitórias alcançadas pelo povo português na luta contra o fascismo salazarista. O seu papel de agitador, orientador e mesmo de organizador tem sido muitas vezes decisivo. A experiência adquirida através da luta, a autoridade e justiça, com que se tem pronunciado em relação a muitos problemas essenciais grangearam-lhe a confiança das massas populares e do povo português. É assente nesta confiança que o «Avante!» ao começar este ano de 1964, apela para os trabalhadores, para a juventude, para todos os patriotas no sentido de se reforçarem as fileiras do Partido Comunista Português e de se defender sempre mais e melhor os seus militantes, pois do reforço do Partido depende muito a continuidade da luta contra o fascismo. Ao mesmo tempo, o «Avante!», apela igualmente para que se formem por todo o país milhares de Juntas Patrióticas e outros organismos unitários, que preparem novas e mais decisivas lutas contra o fascismo.

As grandes lutas travadas desde 61 mostram que centenas de milhares de portugueses estão decididos a participar na luta contra o fascismo, mas a vontade só por si não chega; sem uma larga organização que permita conjugar a força imensa das massas não é possível derrubar Salazar.

Leitores amigos, companheiros de luta, a batalha de organização que temos de vencer, é a batalha que abrirá o caminho à vitória. Do reforço da organização e das lutas de massas depende o passar-se a uma fase nova da luta, que abra o caminho para o Levantamento Nacional.

PORTUGAL NA O.N.U.

Ao contrário que os salazaristas pretendem por vezes fazer crer, as coisas na O.N.U. caminham para si, de mal a pior.

Ainda não há muito tempo os seus patrões da NATO, em especial, os Estados Unidos e Inglaterra, votavam contra ou se abstinham, em todas as moções, recomendações que estivessem contra a política salazarista. Com este facto faziam as emissoras e imprensa diária grande estendal. Entretanto, as coisas têm vindo a complicar-se e os mesmos países, que têm evidentemente, interesses a defender em África, são forçados a tomar posição contra Salazar, como aconteceu na última reunião do Conselho de Segurança, em que só a França degaullista se absteve de votar a moção contra a política salazarista em África.

A tática de Salazar, de aguentar a todo o custo e, através dela, espera que todo o «mundo» reconheça a sua verdade, vai-se tornando cada vez mais ineficaz.

Por outro lado, a jesuítica invenção de um conceito português de autodeterminação, que se enquadra na mesma linha, que antes havia transformado de um dia para o outro as colónias em «provincias ultramarinas», esbarra com a resposta firme dos africanos. O jogo com que Salazar pretende encobrir algumas reformas administrativas introduzidas à pressa nas colónias, nada têm a ver com a autodeterminação ou com a chamada «missão civilizadora» de Portugal em África mas porque a luta dos

patriotas de Angola e da Guiné lihas impuseram.

Nem as correrias de Franco Nogueira para a O.N.U., nem a chantagem e as ameaças postas nas suas conferências de imprensa, impediram que o Conselho de Segurança confirmasse a moção anterior de Assembleia Geral, que classifica os territórios portugueses de África como não autónomos, e o direito dos seus povos à livre determinação, recomendando ainda, que seja concedida uma amnistia às pessoas presas e exiladas.

Salazar continuará a ignorar estas recomendações, mas do que não restam dúvidas, é que a política obstinada e ultra reacção que conduz em África terá para o país, novas e maiores perdas de vidas, dinheiro e prestígio internacional.

Portugueses e portuguesas! Cada dia que passa com Salazar e o fascismo à frente dos destinos da Nação, é mais um dia em que se compromete a independência política e económica do País. Organizar a luta para expulsar esta camarilha, é antes de mais um dever patriótico.

PROGRAMA DO PARTIDO

(continuação da 1.ª pág.)

cratas portuguesas, como é muito importante que os militantes e simpatizantes do Partido enviem aos órgãos superiores as suas opiniões e as suas críticas acerca destes pontos programáticos.

É igualmente do maior interesse, que todos os organismos do Partido e militantes do P., estudem em cada sector a aplicação prática deste programa, o que quer dizer, que é necessário estudar, entre outras coisas, como interessar os operários agrícolas, pequenos e médios camponeses na luta pela Reforma Agrária, pela divisão das terras incultas ou mal cultivadas. É preciso estudar em cada empresa e classe, como iniciar ou intensificar as lutas de carácter económico e político. É preciso mobilizar mais e melhor a juventude e a população em geral na luta contra as guerras coloniais. É preciso, enfim, desencadear a luta em todas as frentes contra o fascismo, pois sem luta pouco adianta ter programas por mais justos que sejam.



CRESCEM AS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA!

O agravamento constante do custo de vida, resultante do aumento e excessos dos generos de primeira necessidade; o aumento das rendas de casa, do vestuário e calçado; o agravamento dos impostos para a manutenção da guerra nas colónias, conjuntamente à política favorável aos grandes monopólios e o congelamento dos salários, criaram aos trabalhadores portugueses, uma situação extremamente grave. Esta situação não pode ser resolvida senão através da luta pela elevação geral de salários e contra a existência do regime salazarista.

As numerosas acções que a seguir se relatam, mostram que os trabalhadores portugueses intensificam de novo as suas lutas pela melhoria das condições de vida, dando com elas valiosa contribuição para o derrubamento do fascismo.

MILHARES DE OPERÁRIOS DA C.U.F. EM LUTA

4 mil assinaturas num só dia

No prosseguimento da sua luta reivindicativa, os valentes operários da CUF, do Barreiro, vão afirmando mais a sua unidade e combatividade.

Em fins de Outubro foi posta a circular na empresa uma exposição que contém as 3 reivindicações fundamentais de todos os trabalhadores da CUF, são elas: **Aumento geral mínimo de 10\$00 diários, pagamento do 7.º dia, salário igual para trabalho igual.** Por estas reivindicações corresponder às aspirações de todos os trabalhadores da empresa, só num dia foram recolhidas 4 mil assinaturas, sendo 400 do pessoal técnico.

A esta importantíssima acção do pessoal da CUF, tem alguns engenheiros fascistas tentado opor-se, fazendo ameaças e apresentando a justa luta dos trabalhadores como obra dos comunistas, mas às acções provocatórias e divisionistas têm os operários respondido com o reforço da sua unidade, obrigando os elementos da CIE mais vacilantes, ou vendidos ao patronato, a aceitar a defesa das 3 reivindicações que eles queriam reduzir a uma apenas.

Esta luta, pela sua importância e pela firmeza e unidade de que se tem revestido, tem exercido uma influência extraordinariamente positiva dentro e fora da empresa. Assim, as mulheres da zona têxtil porque não lhes foi entregue \$50 da produtividade na 1.ª quinzena de Novembro, foram protestar junto dos engenheiros. Também na secção da zona Química, foi enviada ao Director da Fábrica, uma carta com 70 assinaturas protestando contra o castigo de um operário que foi suspenso um mês por lhe ter sido atribuída a responsabilidade duma explosão.

Também os operários da União Fabril do Azoto empresa, associada à CUF, elaboraram uma exposição em que fazem as mesmas três reivindicações dos operários da CUF. Recolheram para esta exposição, 800 assinaturas.

Igualmente os reformados, que não são aumentados há dez anos, fizeram agora uma exposição em que pedem aumento das reformas, tendo recolhido já 300 assinaturas.

Trabalhadores da CUF e da UFA! A unidade alcançada nesta luta é a melhor garantia da vitória. Mas esta unidade pode ser comprometida se vos deixardes arrastar por quaisquer manobras de retardamento ou divisão. A força e unidade demonstrada por vós, obrigará o patronato a ceder, desde que sejam aproveitadas para encaminhar a luta num sentido mais evoluído. Se as vossas reivindicações não forem prontamente satisfeitas, deveis diminuir imediatamente a produção e apontar-vos para ir até à greve se tal for necessário.

Avante, operários da CUF! Unidos e organizados alcançareis a vitória!

A LUTA NOS CAMPOS

Os assalariados conquistam as 8 horas!

Intensificando a sua justa luta pelo horário das 8 horas, os camponeses do Alentejo têm obtido êxitos como estes que descrevemos:

Em **MONTEMOR-O-NOVO**, na herdade do Sobral, o feitor quis obrigar um rancho a trabalhar das 8 às 6 horas, mas os trabalhadores recusaram e durante uma semana não pegaram no trabalho. O patrão foi obrigado a dar as 8 horas e uma hora para o almoço, mas passados dias, tentou, de novo, voltar ao horário anterior. Então os 40 trabalhadores largaram definitivamente o trabalho.

Também na estrada **S. CRISTOVAO-SANTA SUSANA** (a que os trabalhadores chamam a estrada da fome), muitos operários têm recusado trabalhar sem as 8 horas. O mesmo aconteceu em **BENAVIDA** onde, os trabalhadores recusaram pegar no trabalho sem este horário, tendo obrigado o empregador a dá-lo. Igualmente nos arrozais todo o pessoal tem trabalhado apenas com o horário das 8 horas.

Valentes trabalhadores alentejanos! A vossa luta pela conquista do horário das 8 horas, deve ser reforçada. Que ninguém trabalhe mais de 8 horas por dia.

Os trabalhadores lutam por melhores jornadas

No lugar de azeite de Francisco Mendonça, os trabalhadores estavam a ganhar 30\$ mas todos unidos decidiram pedir o aumento de 5\$00. Perante a sua firmeza, o patrão foi obrigado a dá-lo.

Também, um grupo de homens que trabalhavam por conta da Companhia SILLA, no Escoural, na limpeza do calcário, e que ganhavam 30\$00, pediram aumento e passaram a ganhar 32\$00.

Em **Mansarrá**, os trabalhadores reuniram-se no prato de jornal e recusaram-se a trabalhar por menos de 40\$00. Devido à sua unidade os agrários viram-se obrigados a ceder.

Igualmente os 44 trabalhadores da Hidráulica (Baleizão), fizeram uma exposição para pedirem aumento de salários, aguardando agora uma resposta.

Trabalhadores do Alentejo! A luta por aumento de jornadas deve ser intensificada. O custo de vida aumenta e vós não podeis deixar que a fome entre ainda mais nos vossos lares.

MONTEMOR-O-NOVO — Os trabalhadores têm-se concentrado na Casa do Povo e conseguido trabalho e quando da apanha da azeitona, firmaram-se no contrato para pedirem jornadas mais elevadas e recusarem as empelonas.

PENEDO — Na herdade das Almocregas, para não darem trabalho aos trabalhadores da terra, contrataram de empelona um rancho da Vidigueira, mas depois exigiram tanto dos trabalhadores que estes recusaram-se a trabalhar.

Também o pessoal que trabalhava na estrada **Montemor-Arraiolos** havia 6 semanas que não recibia. Combinaram então paralisar o trabalho. Foram ameaçados, veio a polícia, mas os trabalhadores continuaram firmes.

Trabalho ou pão

No terminar a ceifa do arroz, ficaram desempregados milites trabalhadores no **COUÇO**. Para matar a fome, vários grupos de mulheres foram em pleno dia, buscar azeitona aos olivais dos grandes agrários. Estes mobilizaram toda a GNR do posto local, mas não conseguiram evitar que fossem a azeitona.

Este deve ser um exemplo a seguir por todos os trabalhadores quando estiverem desempregados. Ide buscar de comer onde o houver!

Vitórias dos trabalhadores

Em **Setúbal**, há centenas de descarregadores de peixe; uns carregando do barco para a lota, outros daqui para os armazéns e camionetas. Por este trabalho, ganhavam \$50 por caixa, mas em Novembro, reivindicaram 1\$00. Os patrões tentaram então que os descarregadores que levam o peixe para a lota passassem a fazer o restante trabalho. Isto iria lançar muitos trabalhadores no desemprego e os patrões não dispenderiam mais dinheiro. No entanto, os descarregadores mantiveram-se firmes e num belo exemplo de unidade, recusaram tais condições, exigindo e conseguindo os 1\$00 por caixa.

Na apanha da ostra, em **Setúbal**, os patrões tentaram explorar ainda mais os 300 trabalhadores que empregam, pagando-lhes salários de 40 e 2\$00 nas 8 horas, não lhes consentindo nem falar, nem rir durante o trabalho, roubando-lhes 14 e 20\$00 por semana nas horas extraordinárias. Aos que trabalham de empreitada chegava a roubar-lhes em 70 kgs, 20 quilos e não lhes querem pagar as ostras que dizem não ter tamanho, mas que depois os patrões vendem como boas.

Protestando contra esta situação, o pessoal da apanha pôs-se em greve, no que foram acompanhados pelos da escolha e todos gritaram «Fora! Fora os gatunos!». O capataz vendo isto, fugiu. Perante a firmeza dos trabalhadores que exigiram as medidas da ostra estabele-

cidas anteriormente e também a demissão do capataz, que é um autêntico carrasco dos trabalhadores, os patrões cederam, conquistando os trabalhadores uma importante vitória.

Trabalhadores da descarga e da apanha da ostra! A firmeza que pusestes na luta é mais um belo exemplo a demonstrar que quando os trabalhadores se unem, eles são invencíveis. Deveis continuar a vossa luta com firmeza.

Cavam — Foi coroada de êxito a luta dos trabalhadores desta empresa por um aumento geral de 4\$00 diários. A persistência e unidade posta na luta pelos operários da empresa, foi a condição fundamental para alcançarem a vitória.

Adubos da Póvoa — Depois de várias acções, também os operários desta empresa conquistaram um aumento diário de 4 e 5\$00.

Operários da **Cavam** e **Adubos!** Vós conseguistes uma vitória importante mas ela não vos deve deixar de braços cruzados. A vossa unidade e espírito de luta deve manter-se permanentemente.

Pelas empresas

S. DOMINGOS — Mais de uma centena de mineiros foram já aliçados para o desemprego, não estando muito claro se isto é apenas falta de trabalho, se é também uma forma de os obrigar a emigrar para irem trabalhar nas minas dos países do Mercado Comum. Parece haver aqui já muitas inscrições de mineiros para trabalharem na Bélgica.

ALJUSTREL — Os operários mandaram um carta ao Ministro das Corporações, com 550 assinaturas, pedindo aumento. Isto depois de terem feito duas concentrações no sindicato apoiando a sua comissão de unidade. Também desta mina, dizem estar inscritos já mais de duas centenas de mineiros para irem trabalhar nas minas belgas. Mineiros de Aljustrel! Reforçai a vossa luta pelo aumento que exigis!

LOICA de SACAVÉM — Consta que os exploradores ingleses desta empresa pretendem acabar com o trabalho de empreitada, para deixar os operários reduzidos ao salário mínimo de 30\$00. Nesta empresa, onde lava a sílica e a exploração é das mais desastrosas de toda a região, os operários devem unir-se a lutar por um aumento geral de salários e por condições de trabalho que impeçam a propagação das doenças profissionais.

SODOA PÓVOA — Uma comissão de unidade dos operários, dirigiu-se à gerência reivindicando aumento de salários, fornecimento duma refeição diária por baixo preço e ainda roupa de trabalho. Conseguiram a roupa de trabalho, mas a gerência apenas fez promessas muito vagas sobre aumento de salários, recusando a refeição.

A luta deve continuar, operários da **Sodoa!** Combinai o aumento de salários e concentrei-vos na gerência, apoiando a vossa Comissão de Unidade.

TUDOR — Há já tempos que a gerência desta empresa prometeu aumento de salários, mas o tempo vai passando sem que ele seja concedido. Operários de Tudor! Não deveis esperar que os patrões vos deem o aumento espontaneamente. Só pela luta conseguireis aquilo que tendes direito.

SAPEM — Foi atribuído um prémio de \$50 por cada peça que a máquina tira, mas este é dado apenas a alguns operários. Os que têm reclamado contra esta injustiça são despedidos.

Não consintis que roubem e despedimentos, operários da **Sapem!**

FÁBRICA ALIANÇA (Póvoa) — Todos os operários estão de acordo que é necessário um aumento de salários, mas não conseguiram ainda entre eles encontrar o melhor caminho para o alcançar.

Operários da **Aliança!** As condições fundamentais para atingir as vossas aspirações são a unidade e a luta junto da gerência.

2 MIL rendeiros em luta

Indiferente à sorte de mais de 2 mil rendeiros que há muitos anos labutam na herdade do **MORGADO (QUARTELRA)**, os proprietários, acobertados com a política de tração nacional do governo salazarista, pretendem agora expulsar toda esta gente das terras que através dos anos têm regado com o seu suor, para se vender aos eleméus! Já não é a primeira vez que o tentam fazer, mas também não é a primeira vez que os camponeses se unem e resistem vitoriosamente contra esta expulsão. **RENDEIROS DA HERDADE DO MORGADO!** A terra que trabalhais, não só vos não deve ser tirada, como deve passar para a vossa posse definitiva, pois sois vós os verdadeiros donos dela. Se contra vós for empregada a força, resisti com a força, chamando em vosso auxílio as populações das terras vizinhas e de todo o Algarve, se a isso vos obrigarem. A experiência que tendes, a unidade que souberdes forjar, a coragem com que vos lançardes na luta, acompanhadas do apoio moral que vos darão todos os trabalhadores portugueses, assegurar-vos-ão a vitória.



ACABEMOS com as guerras coloniais

As deserções de soldados e oficiais do exército português, que se recusaram a combater nas guerras de Angola e Guiné são cada vez em maior número, e muitos desses desertores têm desmascarado no estrangeiro a guerra de extermínio conduzida por Salazar contra as patriotas das colónias portuguesas.

A publicação do livro «Guerra em Angola» do Dr. Mário Moutinho de Pádua, é uma gritante acusação à política de genocídio salazarista conduzida contra os povos de Angola. O autor, médico e oficial militar, tem demonstrado ser dos mais corajosos combatentes contra a criminosa política de guerra de Salazar. Além do seu livro, ele tem desmascarado em entrevistas à rádio e ultimamente na reunião do Conselho Mundial da Paz, o carácter criminoso das guerras coloniais levadas a cabo em Angola e Guiné, demonstrando ainda a participação dada pelo povo português na luta pela Paz no mundo, na medida em que luta abnegadamente contra a continuação destas guerras.

Também recentemente, um outro jovem oficial miliciano, Moura Marques, numa viagem que fez pela Holanda a convite dos Comités pela Amnistia em Portugal e pela libertação de Angola, desmascarou a política salazarista de guerra colonial. A viagem correu-se do melhor êxito. Este jovem oficial fez palestras nas principais cidades holandesas como: Amsterdão, Haia, Utrecht, Heyden, Relfi, etc. Deu duas entrevistas à rádio e outras duas à televisão; deu ainda entrevistas a jornalistas que publicaram importantes artigos acompanhados de fotografias. Organizou uma exposição de fotografias, muitas delas transmitidas pela televisão, em que mostrou aspectos dos bárbaros crimes praticados em Angola contra os patriotas deste país. Por outro lado, nesta mesma tournée foi dado conhecimento ao povo holandês da repressão em Portugal, da situação dos presos políticos, sendo especialmente focado Manuel Rodrigues da Silva e as célebres «medidas de segurança» e ainda das condições de miséria em que vive o povo português, das lutas dos trabalhadores e dos estudantes etc.

Outras declarações de oficiais e soldados portugueses têm sido feitas, em que se aconselha a resistência contra as criminosas guerras coloniais de Angola e Guiné.

Todas estas acções mostram como cresce entre o exército e a juventude portuguesa a impopularidade e resistência às guerras coloniais e como a criminosa política de Salazar vai sendo conhecida através do mundo.

Este jornal representa muitos esforços e perigos. Não o destruas! Passa-o a uma pessoa de tua confiança ou larga-o onde possa ser apanhado por algum trabalhador!

HÁ PRISÃO PERPÉTUA EM PORTUGAL?

Sim, podemos afirmá-lo mesmo que esbarremos com o desmentido cínico das autoridades fascistas. Eles sabem bem que as «medidas de segurança», invenção digna dos seus cérebros podres de maldade e ódio, não são outra coisa senão a condenação a prisão perpétua.

MANUEL RODRIGUES DA SILVA — Depois de 9 anos de prisão no Tarrafal, é preso em 1950 e condenado a 8 anos de prisão e «medidas de segurança». Terminou a pena em 1958, mas as medidas têm sido prorrogadas continuamente e Manuel Rodrigues da Silva conta já com o total de 23 anos de prisão.

Manuel Guedes — Tem um total de 16 anos de prisão. Completou em 1961 o 6.º ano de «medidas de segurança» que de novo foram prorrogadas por mais outros 3 anos. Em Fevereiro deste ano terminarão estes 3 anos.

Adolfo Assis Ramos — Preso em Dezembro de 1955, foi condenado a 2 anos de prisão. Cumpriu a condenação mas as «medidas de segurança» foram prorrogadas e Adolfo Ramos continua na cadeia há 8 anos.

Maria Piedade Gomes dos Santos — Presa em Dezembro de 1958, foi condenada a 2 anos de prisão correcional. Terminou a pena e 3 anos de «medidas de segurança». Corre assim o risco de lhe serem prorrogadas também.

Ivone Dias Lourenço — Presa em 1957, apenas com 21 anos de idade, aguardou julgamento 3 anos, sendo condenada a 2. Mantém-na presa há 6 anos. Está prestes a acabar o 3.º período de «medidas de segurança» correndo o perigo de lhe serem prorrogadas.

Muitos outros nomes poderíamos juntar a estes, porque nas cadeias de Salazar é hoje vulgar cumprir-se a pena e continuar preso sob as célebres «medidas de segurança», artimanha digna do regime fascista que pretende assim manter fora de combate os seus adversários políticos.

É necessário protestar contra as «medidas de segurança», contra a prisão perpétua que elas representam! Que sejam imediatamente postos em liberdade os patriotas submetidos às «medidas de segurança»!

Abaixo a repressão!

Apostados em espalhar mais e mais a intranquilidade e terror entre os portugueses, Salazar e o seu bando de criminosos da PIDE, não param de efectuar prisões sobre prisões. Depois de centenas de operários, empregados e intelectuais já mencionados no último número do «Avante!», a ofensiva contra estes últimos, longe de abrandar, têm-se alargado e estende-se por todo o país.

As prisões já anunciadas dos Drs. Dias Amado, Mário Cal Brandão, Urbano Tavares Rodrigues, juntaram-se logo a seguir a do destacado cineasta Manuel de Oliveira, Dr. Grilo, de Torres Vedras, Carvalho Santos, de Alenquer, J. Jorge dirigente católico, Dr. Jaime Moreira, jornalista, Pedro Alvim, advogado, Manuel Durão, vários tipógrafos do «Diário de Lisboa» e um jornalista do «Primeiro de Janeiro», Júlio Se-

Salazar recua ante os protestos de muitos países

A libertação de alguns intelectuais presos nos últimos tempos, representa uma importante vitória do povo português tendo para ela contribuído em larga medida, os protestos de poderosas organizações democráticas e individualidades de muitos países. De entre estas salientamos a Comunidade Europeia de Escritores que teve papel importantíssimo na libertação dos escritores Alves Redol, Urbano Tavares Rodrigues, Alberto Ferreira, Alexandre Cabral e Miguel Torga. Também os numerosos protestos

reno. Além destas prisões houve também outras em Almada, 5 em Aljubarça, 6 em Campo Maior, 18 em Aljustrel e já no mês de Dezembro foram igualmente presas 17 pessoas em Setúbal.

Com a repressão exercida contra os trabalhadores e intelectuais, pretende-se impedir que as lutas e a unidade se alarguem; mas enquanto crescem as lutas dos trabalhadores 73 intelectuais de todas as tendências, dirigiram um protesto ao Presidente da República, em que além de se exigir a libertação dos presos, se manifesta a preocupação e intranquilidade que acarreta ao país uma tal vaga de prisões. Muitos outros portugueses têm protestado contra esta situação. O povo português, une-se portanto, na luta contra a repressão, nesta luta ele não está só:

que se levantaram interna e externamente impuseram a libertação do destacado cineasta Manuel de Oliveira, como antes tinha imposto a libertação de Ernesto de Sousa, Rogério Paulo e outros.

Entretanto, se Salazar e a sua polícia política são forçados perante a pressão interna e externa a libertar um ou outro democrata, isto não quer dizer, que eles se disponham a alterar no mínimo que seja a sua política terrorista, ao contrário, promete-se ainda:

Maior repressão para 1964

ção», mas para os destruir e com eles o reinado de terror e miséria, que há longos 37 anos assola o país.

Portugueses! Homens, mulheres e jovens de todas as tendências, intensifiquemos a luta contra a repressão e o terror salazaristas!

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Comité Central do Partido Comunista Português, fiel aos princípios do internacionalismo proletário, enviou recentemente mensagens de solidariedade aos Partidos irmãos da União Soviética, da Noruega e Marrocos.

Na mensagem enviada à classe operária, aos comunistas da União Soviética e ao Comité Central do PCUS, pela ocasião do 46.º aniversário da Grande Revolução de Outubro, dizia-se: «Prosseguindo incansavelmente a política leninista de coexistência pacífica, a União Soviética tem um papel decisivo na defesa da paz mundial, em que estão vitalmente interessados todo o campo socialista, as classes exploradas e oprimidas dos países capitalistas e os povos que lutam pela conquista e consolidação da sua independência nacional».

Também por ocasião do 40.º aniversário do Partido Comunista da Noruega, o nosso partido enviou uma mensagem na qual, depois das fraternais saudações se dizia: «O Partido Comunista Português, que tem 42 anos de existência e 37 de actividade clandestina nas condições de terror duma ditadura fascista, deseja ao provado Partido Comunista da Noruega, grandes êxitos na luta pela paz, a democracia e o socialismo».

Igualmente a mensagem endereçada ao CC do Partido Comunista de Marrocos, na qual se protestava contra a prisão dos camaradas Alii Yata, Abdes Jan Bourgia e Abdallah Leyachi, afirmava: «O Comité Central do Partido Comunista Português exprime a sua inteira solidariedade aos três camaradas presos e ao Partido Comunista de Marrocos, que neste momento sofre as consequências da política reacçãoária do rei Hassan II».

Desta forma o CC do PCP saúda os trabalhadores e comunistas da União Soviética e da Noruega, protesta contra a repressão de que são vítimas os nossos camaradas marroquinos e chama os trabalhadores do nosso país a solidarizar-se com eles.

SOLIDARIEDADE à luta do povo português

Secretariado da Conferência da Europa Ocidental pela Amnistia em Portugal, organizou uma recepção para dar balanço aos resultados da luta travada durante um ano, pela libertação dos presos políticos portugueses. Tendo-se reconhecido que muito embora a repressão em Portugal não tenha abrandado, assinalam-se alguns êxitos para os quais contribuiu de maneira importante a luta desenvolvida no exterior; entre eles, contam-se a libertação de Aida Magro, Luiso Paulo, Maria Luísa Costa Dias, Dr. Humberto Lopes e outros.

Além de ter reconhecido a importância da solidariedade prestada aos presos que caem nas mãos da PIDE e lhe sofrem as torturas e espancamentos, analisou-se também a situação em que se encontra Manuel Rodrigues da Silva e a necessidade de intensificar a luta pela sua libertação. Na reunião, também se resolveu prestar assistência aos incriminados no processo de Beja, com o envio de advogados para assistir ao julgamento, etc.

Vários outros problemas foram ainda tratados tais como a necessidade de intensificar a luta pelos vários comités e aumentar a solidariedade aos presos e suas famílias.

A esta reunião, que marca um passo importante na continuidade da Conferência dos países da Europa Ocidental, realizada em Paris, a 15-16 de Dezembro de 1962, estavam presentes vários portugueses entre os quais destacamos a escritora D. Maria Lamas, D. Maria Pia, Prof. Emílio Guerreiro e António José Saraiva, Emílio Campos Lima, Luís Bernardino (irmão de José Bernardino), José Martins Capilé, (irmão de Cândido Capilé, assassinado em Almada) e outros. Do comité francês estavam entre outros, Daniel Vidal, secretário do comité, Garça, dirigente operário, Abbé Glossberg, Dufrique, dirigente da CGT. Estavam ainda o advogado belga Supperville, da Associação dos Juristas Democráticos, Marcos Ana do Comité espanhol, e uma senhora grega do comité grego.

Assistiram jornalistas do «L'Humanité», «Combat», da Revista «Preuves», um jornalista suíço, outro do Paraguai, um representante da Agência Tass, etc.

Entre as individualidades que enviaram mensagens à reunião, salientamos: General Ernst Pelti, Pierre Col, antigo ministro, Prof. Jaukévitch, da Sorbonne, Jean Marie Dumenach, director da Revista católica «L'Esprit», Madame Suzanne Collette Kahn, secretária da Liga dos Direitos do Homem, Adainov, destacado crítico do cinema francês, etc.

Também, numa recente reunião organizada pela F.S.M., realizada em Leipzig, numerosas delegações enviaram mensagens de solidariedade aos presos políticos portugueses e telegramas de protesto ao Presidente da República, contra a brutal repressão que se abate sobre o povo português, e a exigir a libertação de Manuel Rodrigues da Silva.

Da colónia portuguesa em França foi enviada uma exposição com mais de 200 assinaturas, protestando contra as arbitrariedades da PIDE que impede a democracia. Horténsia Campos Lima de seir do país para se juntar ao seu marido, exilado em França.

Um grupo de senhoras em França constituiu-se em comissão para angariar solidariedade para os presos políticos portugueses. Também o jornal «O Trabalhador», editado em língua portuguesa pela CGT francesa, fez um apelo aos seus leitores para se recolher solidariedade para os presos políticos portugueses.

As manifestações de solidariedade que acabamos de relatar e aquilo que elas representam como factor importante para a luta pela libertação dos presos políticos portugueses e contra a brutal repressão salazarista, são um poderoso incentivo à luta contra o governo fascista de Salazar e a certeza de que, nesta luta, se pode contar com a ajuda moral e material de milhões de pessoas.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE AUMENTA AS SUAS EMISSÕES

Depois da emissão especial dos domingos dedicada aos trabalhadores do campo, Rádio Portugal Livre iniciou no começo deste ano uma emissão matinal que vai para o ar todos os dias das 7 às 7,30 da manhã

Emissões diárias: das 7 às 7,30 em 50 metros, das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Ao Domingo, uma emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.